

Para consultor, o Brasil está sólido e deve escapar da crise

O português António Bernardo, da Roland Berger, tem visão otimista para os Brics

ROSANA HESSEL
DAVOS (SUIÇA)

Apesar de as discussões ao longo dos cinco dias de debates durante o encontro anual do World Economic Forum (WEF), apontarem diferentes opiniões sobre a crise financeira que abalou os mercados no início da semana passada e, com isso, aumentar o risco de uma recessão nos Estados Unidos, especialistas e executivos da América Latina apostam que o Brasil e outros países da região têm grandes chances de passarem incólumes ou mesmo sentirem um impacto muito pequeno dos efeitos de um crescimento negativo dos EUA em suas respectivas economias.

"O Brasil é um dos países com a economia mais sólida e as melhores condições de não sofrer os impactos de uma possível recessão nos Estados Unidos", informou a este jornal o vice-presidente geral e executivo responsável por América Latina da Roland Berger Strategy Consultants, António Bernardo.

O consultor tem uma visão bastante otimista sobre o potencial da A. Latina e, principalmente, do potencial dos países do Bric (grupo integrado por Brasil, Rússia, China e Índia). Ele minimizou os temores que abalaram as bolsas internacionais e acredita que esses países ajudarão a manter o crescimento econômico global. "Na realidade, existe uma grande reflexão sobre uma nova ordem geoestratégica que está sendo criada. Está claro que o mundo não vai ser o mesmo. A emergência de novas potências como os países do Bric já está mudando a economia global e vão claramente mudar o equilíbrio geopolítico", acrescentou.

Para Bernardo, as discussões sobre a volatilidade nos mercados mundiais durante praticamente todos os dias do evento do WEF estão de algum modo presentes no interesse dos participantes. "Isso é reflexo de que existe uma preocupação dos participantes e palestrantes. Mas o tema central

deste encontro, que é inovar colaborando, foi bem recebido pelos participantes do Forum."

Assim como o presidente da Petrobras, José Sergio Gabrielli, Bernardo faz parte de rol dos que acreditam na teoria do descolamento, de uma diminuição da dependência global da economia americana, especialmente no Brasil. "Sinceramente sou a favor da opinião do descolamento. Não acho que haverá um descolamento total, mas acho que o impacto não vai ser igual no caso de uma recessão nos EUA como ocorreu em outros momentos", afirmou, acrescentando que o impacto não será igual, sobretudo porque os fundamentos da economia brasileira são sólidos. "O Brasil está com uma boa taxa de crescimento e acho que as empresas brasileiras são muito fortes e preparadas para um impacto."

Em relação à A. Latina, Bernardo fez algumas ressalvas. "Não se pode generalizar, é claro. Há economias mais sólidas e outras mais frágeis", disse ele citando, além do Brasil, o Chile e a Argentina, que passa por um momento de recuperação, como exemplos das nações mais imunes à crise americana. Enquanto isso, o México, devido ao fato de os EUA serem responsáveis por 80% das exportações mexicanas, será o país da região a sofrer com uma recessão, afirmou.

Bernardo elogiou a decisão do Federal Reserve (Fed, banco central norte-americano), que cortou os juros acima da expectativa dos mercados na última terça-feira, assim como o plano de incentivo anunciado pelo presidente dos EUA, George W. Bush. "Agora é fácil culpar o Fed dizendo que não houve um alerta para se evitar uma bolha imobiliária. Estou convencido de que os americanos vão conseguir gerenciar essa situação e atravessar rapidamente essa crise que deve durar no máximo até o último trimestre deste ano", afirmou.

Para o consultor, a economia americana é a que reage mais rápido aos estímulos da economia e o crescimento da confiança dos consumidores nos últimos meses mesmo após o estouro da bolha imobiliária na metade de 2007 é um sinal de que os EUA vão con-



DIVULGAÇÃO

Bernardo: "Nova ordem geoestratégica está sendo criada"

seguir se recuperar rapidamente dessa crise atual que explodiu com a divulgação dos prejuízos recordes dos maiores bancos americanos.

Bernardo fez previsões bastante otimistas para o crescimento do PIB brasileiro mesmo em um cenário de crise. "O Brasil deverá crescer entre os 4% e 5% nos próximos cinco anos. A razão deste otimismo é que as grandes economias estão muito ávidas em matérias-primas e o Brasil tem um papel muito importante no fornecimento desses produtos. A demanda da Ásia e da África não deverá diminuir e o país deverá ser beneficiado por essa situação", disse ele, defendendo a entrada do Brasil no G8.

No entanto, o consultor fez alguns alertas para que esse crescimento seja sustentável. Para isso, o Brasil também precisa diversificar a matriz energética como ampliar o uso da energia eólica e da biomassa. Além disso, será preciso acelerar o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do governo. "O PAC é uma visão estratégica de desenvolvimento, mas precisa sair do papel com uma maior velocidade, especialmente nas parcerias de rodovias, porto e aeroportos. Para sustentar o crescimento, investimentos na infra-estrutura aeroporária são fundamentais".

Bernardo também defendeu um maior avanço das empresas brasi-

leiras no mercado internacional e para isso falta ainda agressividade, afirmou. "Muitas já estão preparadas. São os grandes grupos que geraram maior valor para o acionista e se focaram em seu core business, não se diversificaram muito, se consolidaram no mercado interno e tem grande oportunidades agora na Europa, na África e Ásia", disse ele, acrescentando que os bancos ainda estão muito pouco internacionalizados. "Os bancos brasileiros são grandes e estruturados, possuem boa vantagem competitiva, mas ainda são muito familiares e com pouca presença no exterior."

O executivo elogiou a fabricante de jatos regionais Embraer, citando-a como exemplo de empresa focada em seu core business e de grande sucesso. A sua maior concorrente, a canadense Bombardier, não é muito diversificada, fabricando até Jet skis, algo que ele criticou. "Uma empresa deve desviar muito seu foco de atuação", afirmou. Baseado na Europa, Bernardo, natural de Portugal, trabalha há 20 anos na consultoria alemã virá ao Brasil na segunda metade de fevereiro para fazer contatos com os clientes da companhia fundada em 1967, com um faturamento anual de € 600 milhões e um quadro de mais de dois mil funcionários espalhados em 23 países.